

País pretende endurecer com Banco Mundial

BRASÍLIA — Ao voltar dos funerais do imperador japonês Hiroito, o presidente José Sarney terá de tomar uma difícil decisão: desgastados com impasse na negociação de um crédito de US\$ 500 milhões do Banco Mundial — ao qual estão atreladas as liberações dos empréstimos acertados com os bancos na renegociação da dívida brasileira — os ministros da área econômica pretendem endurecer nos contatos com o Bird.

Na quarta-feira à noite, o Ministério do Planejamento recebeu uma carta do chefe da divisão Brasil do Banco Mundial, Nohan Munasinghe, criticando a incorporação do programa nuclear pela Eletrobrás e classificando como inviável a usina nuclear de Angra III. O recebimento da carta foi confirmado pelo secretário de Assuntos Internacionais da Seplan, Clodoaldo Hugueney, constrangido com o vazamento da notícia, publicada ontem por um jornal paulista: "Nós

combinamos que ninguém falaria do assunto", reagiu.

Assessores dos Ministérios da Fazenda e do Planejamento comentam, porém, que as relações entre o Bird e o governo brasileiro estão críticas. O banco, segundo avalia a equipe econômica, vem impondo ao país condições bem mais severas do que a outros países da América Latina. O secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, se encontra em Washington, onde sua pauta de conversações inclui o desatrelamento dos créditos do Bird aos desembolsos dos bancos credores. O Brasil negocia, além do empréstimo setorial para o setor elétrico, outros dois programas importantes: um envolvendo reformas no sistema financeiro e outro liberalizando a política de comércio exterior.

Assessores econômicos dos ministros da área econômica acham necessário endurecer com o Banco Mundial, exigindo cláusulas mais favoráveis, a exemplo de outros países da América Latina, onde o banco não tenta se impor na execução dos programas, que envolvem a definição da política econômica do país.